

Unidade

20/7/673

CIDADELA

(Para o rev. Adrian Hastings mandar publicar no «Times»)

É ASSIM O "RACISMO" PORTUGUÊS

«É uma crónica simples e curta. Tão simples e tocante, que não resisto em escrevê-la. 13 de Abril de 1967, pelas 11 horas. Um enterro a entrar no Cemitério Municipal de Nova Lisboa, precisamente quando eu passava ali, no regresso da Caála. Parei o carro. Pessoas conhecidas ao acompanhamento, entre as quais o meu velho amigo Manuel Vasconcelos Almeida.

Algum amigo a enterrar? Algum familiar daquele meu amigo? Apeei-me e incorporei-me no préstito. Já no cemitério, perguntei ao Manuel de Almeida, por acenos, quem ia ali no caixão. Respondeu-me compungido e com voz sumida: «Morreu o meu seculo». Seculo, em linguagem de velho colono, pode significar «pai». Fiquei varado! Apressei-me a apresentar-lhe as condolências e desculpas por só naquele momento o fazer. Agradeceu comovido.

Chegou-se ao coval. Desceram o cadáver. Assistiu-se aos rituais punhadinhos de terra e às orações dos circunstantes, africanos e europeus, num último adeus.

No regresso, era meu dever tentar confortar aquele meu amigo. Disse-lhe da ignorância do falecimento e então ouvi mais ou menos isto: «Coitado

do Alfredo João; era servente e estava comigo há mais de trinta anos; criámos ambos os nossos filhos em comum; aturámo-nos um ao outro e não tenho a certeza de ter sido sempre justo para com ele; era um bom homem e sério como a seriedade; foi para mim como uma pessoa de família e sinto a sua morte como se de um irmão se tratasse; assisti-lhe nesta doença o melhor possível e nada fazia prever este desenlace, apesar dos seus 75 anos de idade; não lhe faltou nada no hospital, nem sequer o muito particular interesse do médico assistente; de nada valeu».

Este «de nada valeu» foi dito num soluço.

Este relato chocou-me. Naquela cara de poucos amigos, o Manuel de Almeida esconde um coração de ouro. Um coração português, que sente à portuguesa. É assim que somos. Na comovente simplicidade desta atitude está definida a alma de um povo.

«Criámos ambos os nossos filhos em comum»; «foi para mim como uma pessoa de família»...

É assim o «racismo» português! Que saiba isto o mundo que nos acusa!»

JOÃO DE SÁ, em «Diário de Luanda» .